

## POLÍTICA

FHC

284

# Presidente decide voltar ao estilo corpo a corpo

225

Ana Beatriz Magno.

André Brant

O presidente Fernando Henrique Cardoso vai mudar o estilo de governar. Quer melhorar a forma de relacionar-se com a sociedade e aguarda apenas o Executivo conseguir aprovar algum item da reforma constitucional no Congresso.

A revelação foi feita esta semana a ministros e assessores próximos ao presidente depois de quase 100 dias de críticas a falta de comunicação do governo com a população.

“O presidente precisa parar de respirar apenas o ar viciado de Brasília onde se esquece de falar com o Brasil. Ele tem que voltar ter sintonia com as ruas, mostrar que é o guardião do real”, ensina um ministro.

Fernando Henrique aprendeu a lição e já avisou: quer voltar a agir como nos tempos em que era ministro da Fazenda e virou caixeiro viajante do Plano Real.

O ministro Fernando Henrique não se intimidava em ir às ruas, padarias, televisão e Congresso Nacional vender as maravilhas da economia estável. Assim conseguiu popularidade, transformou-se em “pai do real” e elegeu-se presidente.

Essa imagem popular desapareceu nos 100 primeiros dias de governo.

O presidente ficou isolado no Palácio, foi vaiado em várias capitais e, graças à falta de diálogo, a reforma da previdência foi encarada como uma cruzada contra os velhinhos.

Os problemas provocaram a demissão do secretário de Comunicação, Roberto Muylaert e levaram o presidente a passar um pito em seus ministros na última reunião ministerial, na Granja do Torto.

“O congresso e o mercado são importantes mas não são o Brasil. É preciso conversar mais com o sociedade”, ralhou Fernando Henrique.

A decisão de mudar o estilo só veio mesmo durante a viagem ao Amazonas, em Novo Airão, perto de Manaus, há duas semanas.

Ali, no único lugar onde não foi vaiado em suas últimas viagens, Fernando Henrique sentiu o gostinho da campanha eleitoral. Foi abraçado e aplaudido pelos amazonenses.

“Está com saudade da campanha, presidente?”, perguntou o ministro do Meio Ambiente, Gustavo Krause. “É verdade”, respondeu, Fernando Henrique.



Fernando Henrique: “O Congresso é importante, mas não é o Brasil”

286